

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal: A Pobreza Administrada com Excel e Pompa Institucional

Publicado em 2026-06-16 10:21:00



BOX DE FACTOS

- O Banco de Portugal projecta crescimento económico de apenas 1,8% em 2026, 1,6% em 2027 e 1,8% em 2028.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

entre 2025 e 2026, acima dos 3,0% acordados com a União Europeia.

- Segundo o Eurostat, Portugal encontra-se entre os países da União Europeia com PIB per capita em poder de compra entre 10% e 20% abaixo da média europeia.
- O INE registou em 2024 um índice de envelhecimento de 192,4 idosos por cada 100 jovens.
- Em Dezembro de 2025, a pensão média de velhice do Regime Geral era de 706,97 euros, segundo a Síntese de Informação Estatística da Segurança Social.
- A OCDE alertou, em 2026, para os riscos colocados pelo envelhecimento, escassez de qualificações, fraco investimento e limitações à produtividade.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal não é pobre por acidente geográfico, nem por maldição atlântica. É pobre porque aceitou, durante décadas, uma economia estreita, subalterna, pouco produtiva e politicamente conveniente para quem vive da manutenção do poder.

Portugal continua a navegar na pobreza com a serenidade dos náufragos que já aprenderam a chamar “estabilidade” ao facto de a água lhes chegar apenas ao pescoço. Crescemos pouco, pagamos mal, envelhecemos depressa, reformamos os nossos cidadãos com pensões indignas e ainda conseguimos, com uma criatividade quase artística, aumentar a despesa pública acima das regras europeias. É obra. Infelizmente, não daquelas que merecem inauguração com fita cortada, embora por cá até uma rotunda receba discurso.

O mais recente aviso do Banco de Portugal é sério: a despesa líquida pública está a crescer acima dos limites estabelecidos nas regras europeias, criando riscos para a sustentabilidade orçamental. Segundo o Boletim Económico de Junho de 2026, a economia portuguesa deverá crescer apenas 1,8% em 2026, 1,6% em 2027 e 1,8% em 2028. A

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

despesa acelera, a produtividade não descola e o modelo económico continua preso à velha receita de serviços baratos, turismo, baixos salários, precariedade, fundos europeus e discursos públicos sobre inovação que raramente chegam ao chão da fábrica, ao laboratório, ao código, à patente, à máquina, à exportação tecnológica ou à soberania produtiva.

A economia do sorriso barato

Portugal especializou-se numa forma muito própria de pobreza funcional: hotéis cheios, restaurantes cheios, aeroportos cheios, centros históricos vendidos ao metro quadrado, jovens qualificados a partir, pensionistas a contar moedas, trabalhadores a viver junto ao salário mínimo e governos a celebrar décimas de crescimento como se tivessem descoberto a fusão nuclear numa tasca de campanha.

O turismo é importante. Os serviços são importantes. Mas nenhum país se torna próspero vivendo essencialmente de servir cafés, arrendar quartos, vender experiências e fingir que cada loja de recordações é uma unidade avançada da economia do conhecimento. Uma economia moderna precisa de indústria, ciência, engenharia, software, energia, telecomunicações, biotecnologia, electrónica, automação,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal fala muito de inovação, mas continua demasiado dependente de actividades de baixo valor acrescentado. A palavra “startup” tornou-se uma espécie de incenso oficial: queima-se em conferências, perfuma o ar durante alguns minutos, e depois volta tudo ao mesmo balcão de atendimento, ao mesmo salário comprimido, ao mesmo Estado lento, à mesma produtividade rastejante.

A despesa cresce, mas o país não se transforma

O problema não é apenas a despesa pública crescer. Um Estado pode gastar bem. Pode investir para transformar. Pode construir infra-estruturas, modernizar escolas, criar laboratórios, digitalizar serviços, reforçar a saúde, garantir defesa tecnológica, formar técnicos, apoiar indústria sofisticada e criar condições para que a economia produza riqueza real.

Mas há uma diferença brutal entre despesa pública reprodutiva e despesa pública de manutenção. A primeira aumenta a capacidade futura do país. A segunda alimenta a máquina, compra paz social, segura clientelas, tapa buracos e adia o colapso. Portugal tem sido perito nesta segunda modalidade. Um talento nacional, como o fado, mas com mais folhas de Excel e menos dignidade poética.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

de que o Estado continua a gastar mais depressa do que a economia consegue mudar de pele.

E quando um país gasta sem transformar, acaba sempre no mesmo sítio: pressão fiscal, regras europeias, cortes futuros, serviços públicos degradados, jovens sem horizonte e pensionistas tratados como excedente estatístico.

Salários baixos: a pobreza com contrato

Portugal criou uma economia onde trabalhar já não garante dignidade. Garante, muitas vezes, apenas cansaço legalizado. A compressão salarial em torno do salário mínimo transformou-se numa das marcas mais cruéis do modelo português: não se eleva a base através de produtividade robusta; aproxima-se demasiada gente do mesmo patamar baixo e depois chama-se a isso progresso social.

Um país não se desenvolve com salários eternamente baixos. Pode até sobreviver. Pode até atrair investimento de ocasião. Pode até encher estatísticas de emprego. Mas não constrói futuro. Salários baixos são, muitas vezes, o imposto invisível cobrado pela incompetência estratégica de décadas.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

quando o trabalho humano é aplicado a actividades de maior valor. O resto é teatro. E Portugal tem sido um palco generoso para actores muito medianos.

Pensões de miséria: a velhice como castigo

A pensão média de velhice do Regime Geral, em Dezembro de 2025, era de 706,97 euros. Nos homens era de 876,98 euros; nas mulheres, de apenas 550,69 euros. Estes números não são apenas estatísticas. São vidas. São medicamentos adiados, aquecimentos desligados, supermercados percorridos com calculadora mental, consultas evitadas, pequenos luxos enterrados e uma velhice empurrada para a sobrevivência.

O país que não dignifica quem trabalhou uma vida inteira não é apenas pobre. É moralmente pobre. E essa é a pobreza mais difícil de resolver, porque já não se mede em euros: mede-se em indiferença.

As pensões portuguesas revelam o fracasso acumulado do modelo económico. Durante décadas, salários baixos geraram contribuições baixas. Produtividade baixa gerou riqueza baixa. Empresas frágeis geraram carreiras contributivas frágeis. E agora, no fim da linha, descobre-se que o sistema paga pouco porque o país produziu pouco,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O INE registou, em 2024, um índice de envelhecimento de 192,4 idosos por cada 100 jovens. A população portuguesa está mais velha, mais pressionada e mais dependente de uma base activa que não cresce com a robustez necessária. Este é um dos grandes dramas nacionais: estamos a envelhecer como país rico, mas continuamos a produzir riqueza como país periférico.

O envelhecimento pressiona a saúde, as pensões, os cuidados continuados, a habitação, o território, a fiscalidade e a própria organização da vida colectiva. Não se resolve com frases sobre “família”, nem com anúncios de medidas avulsas. Resolve-se com uma estratégia séria: salários dignos, habitação acessível, natalidade possível, imigração bem integrada, produtividade elevada, saúde robusta e uma economia capaz de sustentar o seu próprio futuro.

Mas Portugal prefere muitas vezes discutir sintomas. É mais barato. E dá menos trabalho intelectual, essa actividade perigosa que incomoda tanto quem vive confortável no nevoeiro.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

absurdo negá-lo. Mas também é irresponsável fingir que qualquer imigração, em qualquer condição, resolve os problemas estruturais do país. Se a imigração serve sobretudo para alimentar sectores de baixos salários, trabalho precário e serviços pouco qualificados, então não estamos a construir uma economia moderna. Estamos apenas a alargar a base da sobrevivência barata.

A OCDE alertou, em 2026, para os desafios portugueses em matéria de escassez de qualificações, envelhecimento, formação profissional, competências digitais, integração de migrantes e produtividade. O problema não está em receber pessoas. Está em não termos uma estratégia capaz de transformar essa chegada em inclusão digna, qualificação real e valor económico sustentado.

Um país sério integra, qualifica e eleva. Um país sem estratégia importa mão-de-obra vulnerável para sustentar sectores que se habituaram a viver de baixos custos. Depois chama a isso dinamismo económico. A linguagem oficial é uma coisa notável: consegue pôr verniz em cima de quase tudo, até de uma parede podre.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

de vergonha. Durante décadas, as elites partidárias e administrativas foram gerindo o país como quem gere uma repartição herdada: carimbos, favores, lugares, relatórios, promessas e cerimónias públicas onde se anuncia o futuro com palavras que nunca chegam ao presente.

Portugal não falhou por falta de talento popular. Falhou porque o talento raramente encontrou um sistema que o elevasse. Falhou porque a escola foi demasiadas vezes tratada como fábrica de exames e não como laboratório de pensamento. Falhou porque a indústria foi abandonada ao improviso. Falhou porque a tecnologia foi vista como compra de software estrangeiro, não como soberania. Falhou porque o Estado confundiu digitalização com portais, passwords e contratos milionários. Falhou porque demasiados decisores nunca criaram nada para além da própria carreira.

A elite instalada continua confortável. O povo envelhece. Os jovens partem. Os salários comprimem-se. As pensões envergonham. A produtividade rasteja. A imigração é usada muitas vezes como almofada de mão-de-obra barata. E ainda há quem chame a isto “estabilidade”.

Não. Isto não é estabilidade. Isto é estagnação com decoração institucional.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

coreografia partidária, não mais uma comissão para concluir que precisamos de fazer aquilo que já sabíamos há trinta anos. Precisa de uma mudança real de modelo.

Precisamos de indústria tecnológica. Precisamos de ciência aplicada. Precisamos de empresas com escala. Precisamos de educação técnica exigente. Precisamos de laboratórios, fábricas inteligentes, redes seguras, centros de dados soberanos, energia competitiva, ferrovia moderna, defesa tecnológica, software nacional, inteligência artificial aplicada, biotecnologia, electrónica, automação e uma administração pública que sirva o país em vez de se servir dele.

Portugal não precisa de venerar a palavra inovação. Precisa de a transformar em matéria, produto, indústria, exportação e soberania. Precisa de deixar de se comportar como uma economia de quarto alugado e passar a agir como uma nação adulta, produtiva e exigente.

Caso contrário, continuaremos nesta bela jangada atlântica: turistas à proa, pensionistas à popa, jovens a saltar borda fora, políticos no camarote, e o povo no porão a ouvir dizer que “as contas estão certas”.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

técnico. É um sintoma. Mostra que Portugal continua preso ao velho paradoxo: quer serviços públicos europeus, salários possíveis, pensões dignas e estabilidade orçamental, mas sem construir uma economia capaz de pagar tudo isso com riqueza real.

A política portuguesa habituou-se a gerir escassez em vez de criar abundância. E quando um país se habitua à escassez, começa a chamar prudência à falta de ambição, responsabilidade à resignação e estabilidade à decadência lenta.

A pobreza portuguesa já não é apenas falta de dinheiro. É falta de projecto. Falta de coragem. Falta de vergonha. E talvez seja essa a parte mais dolorosa: um país com história, inteligência, talento e gente trabalhadora ter sido reduzido a esta administração burocrática da mediocridade.

Nota Editorial

Este texto não se limita a gritar contra a pobreza: procura ligar a pobreza à arquitectura política, económica e moral que a produz e depois finge administrá-la com relatórios, comissões e frases de plástico reciclado.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

estreita, dependente, subalterna, assente em turismo, serviços baratos, salários baixos, pensões indignas e juventude exportada.

Depois, quando o modelo começa a chiar, aparece o Banco de Portugal a avisar que a despesa cresce acima das regras europeias, como se o problema fosse apenas contabilístico. Mas o problema é mais fundo: um país que não cria riqueza sofisticada acaba sempre a discutir cortes, impostos, pensões mínimas e limites de Bruxelas.

A política portuguesa habituou-se a gerir escassez em vez de criar abundância. E, como sempre, quem paga a factura são os mesmos: trabalhadores, pensionistas, pequenos empresários, jovens qualificados e famílias que ainda acreditam, teimosamente, que viver em Portugal não devia ser uma prova de resistência psicológica.

A elite instalada continua confortável. O povo envelhece. Os jovens partem. Os salários comprimem-se. As pensões envergonham. A produtividade rasteja. A imigração é usada muitas vezes como almofada de mão-de-obra barata. E ainda há quem chame a isto “estabilidade”.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

precisa de uma ruptura produtiva, tecnológica, educativa e moral. Não uma revolução de slogans, dessas que cabem num cartaz de campanha e morrem no primeiro conselho de ministros. Precisa de uma mudança real de modelo: indústria tecnológica, ciência aplicada, soberania digital, educação exigente, empresas com escala, investimento público reprodutivo e um Estado que sirva o país, não os círculos habituais da manutenção do poder.

Porque a pobreza portuguesa já não é apenas económica. É também política. É uma pobreza de visão, de coragem, de exigência, de vergonha.

E quando um país perde a vergonha, até a miséria começa a vir com discurso oficial.

Referências e publicações consultadas

1. Banco de Portugal — **Boletim Económico** — Junho de 2026.
2. Eurostat — **PPPs for GDP per capita in 2025: preliminary estimates.**

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

População Residente em Portugal — 2024.

5. Gabinete de Estratégia e Planeamento / Segurança Social
— Síntese de Informação Estatística da Segurança Social
— Dezembro de 2025.
6. OCDE — OECD Economic Surveys: Portugal 2026.
7. OCDE — Strengthening labour market resilience in the
face of skill shortages and ageing.
8. OCDE — Portugal — OECD Economic Outlook, Volume
2026 Issue 1.

Texto: Francisco Gonçalves & Augustus Veritas

Publicação: Fragmentos do Caos

*Crónica crítica sobre economia, pobreza, Estado,
produtividade e decadência institucional em Portugal.*

Nota Final

*Portugal não precisa de administrar melhor a
decadência. Precisa de a interromper. E isso só se
faz criando riqueza real, conhecimento aplicado,*

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- Francisco Gonçalves (2026)

 [GitHub Pages](#)

 [CodeBerg Pages](#)



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)